

O tema deste colóquio é “**O homem á procura da sua alma**”

Desde logo nos vem à mente algumas das interrogação clássicas : teremos mesmo uma alma ? Se sim, como é ? O que é, de que é feita ? Onde se encontra no homem ? Que relações tem com o corpo ? Desaparecerá depois da morte ? Se não, para onde vai ? Será que voltará à existência ?

Como se vê por estas questões, o programa é ambicioso senão impossível. Por isso resolvemos tratar este tema de um modo mais económico e realista, selecionando três épocas históricas muito datadas onde esta temática foi questionada por alguns filósofos e teólogos : **a época grega** (a alma grega) ; **a época medieval** (a alma teológica) e **a época moderna** (a alma filosófica).

Porquê escolher este tema ? Podíamos simplesmente responder com outra pergunta : e porque não escolher este tema ?

Sim e porque não ? Quantos de nós não falamos já da alma tantas vezes nas nossas vidas e em tantas circunstâncias diferentes !

Sim, é um tema fora de moda e por isso mesmo, talvez seja a altura de o trazermos novamente à reflexão, num mundo que parece que perdeu a alma, que ainda não se deu conta disso e que também não se preocupa muito com isso. Vivemos numa época em que a vida se tornou cada vez mais frenética, com uma técnica cada vez mais sofisticada, com uma corrida ao prazer imediato cada vez mais acelerada. Por isso, falar da alma é ou parece, desajustado, anacrónico, sem sentido.

Pasolini dizia em 1975: “*Tenho fome infinita de amor, de amor de corpos sem alma*”

Pasolini em duas frases traduzia uma visão perfeita do nosso tempo, *corpos sem alma*, agarrado ao bem-estar físico e aos aspetos aparentes da vida: “ *em que parece não existir mais nada debaixo da pele e da carne*”, *como nos diz Gianfranco Ravasi*.

Termino esta introdução com um pequeno texto do cardeal Ravasi presidente do Pontifício Conselho para a Cultura do Vaticano:

“(…) *Ao longo dos séculos alguns acorrentaram a alma ao corpo , outros dissolveram-na num ectopasma; houve quem a tivesse intuído como um espírito puríssimo e quem a tenha figurado com realismo. Desde sempre a humanidade seguiu os seus traços secretos; por vezes descobriu-a no cérebro ou no coração.(…) Para uns é laicamente reduzida à psique ou a um sistema neuronal que deve ser analisado segundo os cânones científicos, ou então para outros é religiosamente intuída como um abismo de luz em que Deus se desvenda. Investigada pela filosofia, imaginada pela literatura e pela arte, professada pelas várias fés de modos diferentes, negada pelos agnósticos de todos os tempos, a alma continuou, apesar de tudo, a aparecer e a ocultar-se como o vento ao longo da história humana*”.

(Breve História da Alma, 2010)

Prof. João Couto